

O DOMINGO.

SEMANARIO CRITICO E LITTERARIO.

AS ASSIGNATURAS SÃO PAGAS ADIANTADAS.

Editor e proprietario A. Azevedo.

ANNO I.

Este jornal publica-se nos domingos—Assigna-se, a 25000 por trimestre, na typographia do Paiz, Largo de Palacio n. 17.

NUMERO 47.

O DOMINGO.

MARANHÃO, 29 DE DEZEMBRO DE 1872.

—O anno de 1872.—

Propicio para uns, funesto para outras, como os demais annos—desde o principio da creação, aproxima-se do seu termo o de 1872, indo despenhar-se no incommensuravel sorvedouro da eternidade.

Sem ter produzido acontecimentos ingentes, desses que se assignalão na historia da humanidade, para o nosso Maranhão não foi totalmente esteril, tendo visto inaugurar-se o grande melhoramento das vias-ferreas, precursor provavel d'alguns outros, que nos é licito esperar em prazo mais ou menos longo.

Em outras partes do Imperio, nomeadamente S. Paulo, Rio, Pernambuco, Rio-Grande e Ceará, foi ainda mais benefica a sua passagem, por consideravel adiantamento na viação publica, e movimento commercial.

FOLHETIM DO DOMINGO.

Regeneração e honra.

(Semi-continuaç.)

A MEU AMIGO A. AZEVEDO.

II

Temos até agora apenas contado a chegada de Affonso de Andrade à S. Luiz, e os esforços que fez para encontrar Sophia Borges. Parece que esta historia teve um principio, e que já estamos tratando do seu seguimento.

E assim é.

Dois annos antes do acontecimento que acabamos de narrar, teve lugar o principio d'esta historietta.

Para o leitor que leu o singelo conto *As duas primas*, que fizemos publicar em folhetim no interessante jornal *Domingo*, bastaria dizer que Sophia Borges é a vaidosa e namorada de prima de *Rosecha*; aquella que, desattendendo as seus conselhos, foi victima da seducção de um desconhecido; e que Affonso de Andrade não era outro sinão o iniquo seductor.

Terminado amigavelmente o conflicto argentino, que ameaçou turvar o horizonte politico da nação, e que, transformado em hostilidades, seria uma calamidade publica, quando ainda nos achamos sob o imperio da situação desagradavel creada pela ruinoso guerra da Paraguay, gosou o paiz da paz interna, e externa; si não prejudica este conceito alguns disturbios electoraes, surgidos, e acalmados momentaneamente.

Quadra relativamente tão bonançosa, contamos que não tenha sido desaproveitada pelos homens da governança; pois, si com a paz—mãe da prosperidade dos povos—não curarem do desenvolvimento nacional, encaminhando este colossal das Americas, para o lugar proeminente á que deve aspirar, por seus numerosos elementos de grandeza; como fuz-lo em situações anormais, quando empenhado elle, nessas frequentes guerras com os paizes vizinhos, adversarios naturaes do Brazil, pela forma governativa, indole, e tradições?

De muito carecemos nós para attingir aquelle alvo; mas, prez, principalmente são as medidas

Para outros, porém, emprenhos agora historiar o facto resumidamente.

Como dissemos, Affonso de Andrade havia vindo a Maranhão por negocio de incumbencia da seu pae, que era negociante na provincia do Rio Grande do Sul. Fôra hospedar-se no hotel em que esteve d'esta vez.

Era rapaz—e portanto, com outros companheiros, corria toda a cidade; queria ver as divas maranhenses.

Qual é a moça namorada que deixa de ser conhecida, principalmente pelos rapazes, acaes do bello sexo? Tambem ellas não desgostam de que seja bem fallado o seu nome. Por maior que seja o numero das seus admiradores, sempre acham-n'o pequeno—querem que seja illuminado.

Assim, Affonso teve noticia d'uma moça que não era feia: tinha ella apenas dezoito annos de idade. Não tinha outros parentes sinão sua mãe, já muito velha e enferma.

Essa moça, que não havia recebido uma educação regular, entregava-se imprudentemente ao namoro. Chamava-se Sophia, era uma boa menina; tinha bom cora-

Mutilado

que reclamão urgencia, e solicitude na execução: educação popular, viação publica, e colonisação.

Cure-se destes assumptos capitaes, e temos fé que em periodo não muito remoto, veremos a prosperidade e a riqueza levados aos logares mais reconditos do Imperio.

O modesto *Domingo*, sem ser campeão professo das idéas expendidas, não se furta à apreço das, embora convencido da inutilidade dos seus esforços. Tomou, porém, por divisa a resignação: virtude eminentemente christã, e é por isso, que, não grando aquella circumstancia, continuará na senda trilhada, si a benevolencia publica, para a qual appella, patrocina-o na nova phase da sua existencia que começa no segundo domingo do anno vindouro.

E sendo este o ultimo numero do anno actual, despede-se dos seus amaveis leitores, desejando-lhes propicia entrada de annos.

Os trez véos de Maria Bertha.

(H. Marger).

O primeiro véo de Maria Bertha era de linho alvo, mais alvo que a neve; era tecido de fios tão ligeiros como os que enovellavam o fuso da virgem. Maria Bertha bordara-o com suas mãos e ornara-o com uma geinálta de flôres de seda, tão bem imitadas que as abelhas aproximavam-se dellas.

Ella apenas uma vez usou o seu véo branco, —no dia em que se commungou pela vez primeira.

ção. Vivia a borda do precipício e não tinha uma mão protectora que a salvasse. Para tornar se o seu conhecimento e entrar-se na lista dos seus namorados, pouco custava. Foi o que aconteceu com Affonso: —em poucos dias era um dos seus *queridos admiradores*.

Affonso encontrou essa moça cercada de tantos adoradores inexperientes e sem queira lhe dissesse — «Louca, não acredites no que elles te dizem; são falsas as suas juras; para te perderem pouco lhes custa, e aí de ti quando o malvado triumphar!»

E, Affonso, embora não fosse mau, embora mesmo tivesse, como teve, os exemplos d'uma esmerada virtude de todos os seus progenitores — era rapaz, via a occasião, era impellido por outros.

E demais, elle nunca teve uma idéa perversa — não pensou em seduzir Sophia. A occasião, repetimos, a facilidade, e — quem sabe? — a provocação — o inebriava.

Quasi sem consciencia, sem reflectir pois no que fazia, Affonso commetteu um crime. Seduzio-a, maculou-a; e para reparar o mal que lhe havia feito, prometeu-lhe casamento. Mas, nem pensou em cumprir essa promessa.

O segundo véo de Maria era de lã preta. Começara-o no dia da morte de sua mãe, quando se viu na solidão do albergue. Bordara-o com seabrias palmas, como as das cazuquinas dos cemiterios, e banhara-o com todas as suas lagrimas.

Ella apenas uma vez usou o seu véo negro, —no dia em que tornou se a desposada de Christo, no convento da Ave-Maria.

O terceiro véo de Maria era azul-celeste: bordado de estrellas e embalsamado com os odores do Paraizo.

Foi o seu anjo da guarda quem lh'o deu na noite em que ella vóou aos céos.

A. A.

Já não quero viver!

Já não quero viver! pesa-me a vida
Que eu desfructo, a morar tão longe della,
Já não quero viver! por que não posso
Como d'antes dizer-lhe: amo-te bella!

Esse amor que jurou-me n'outro tempo,
Tão depressa morreu tal qual nasceu!
E o liel juramento que fazia
Qual o fumo samio, desapareceu.

Já não quero viver! hoje meu peito
Arde em chammaas d'amor inextinguivéis;
Já não quero viver! pois em seus olhos
Já não vejo d'amor um leve indicio.

Fui trahido, deixei roubar-me o peito,

Note-se que nem a Sophia elle havia dito até então a familia a quem pertencia e nem onde se achava. Commettido o crime, cumpria-lhe fugir e desaparecer para sempre, se fosse possível, dos olhos della. Mentio portanto. — Disse residir na provincia de Minas; trocou o seu appellido de familia, assegurando a Sophia que muito breve voltaria para cumprir sua promessa, e partio quasi repentinamente, deixando a infeliz moça immersa em acerbas magoas. E ella, — muito tola que era, — ficou com — a esperanza! Mas essa desvaneceu-se-lhe em pouco tempo, porque nunca mais lhe foi possível obter noticias do seu seductor. Tres cartas que escrevera com endereço a Minas, não tiveram resposta; a ultima que mandou registrada, passados dois mezes, veio devolvida ao correio remetente, com a nota de — não ser conhecido o destinatario em Minas.

Entretanto, Sophia havia ficado grave. Nem isto, porém, chegara Affonso a saber!

Situação terrivel! desgraçado estado de mulher!

(Continúa).

A. Britto.

Pensando que era amado, que era qu'rido,
Me deixei embalar na doce esp'rança
De possuil-a um dia—era mentido!

Mas qual! não fui amado, ella era d'outro,
Não podia dispôr mais de seu peito,
Sua mão, seu futuro, até seu nome
Já pertencia a outro, era sujeito!

Já não quero viver! seria horrivel
Vê-la d'outro captiva e d'outro amada,
Já não quero viver! porque morrendo,
Não me verei de dôr tão magoado!

Morte! virgem formosa, quanto eu te amo,
Quem me dêra viver só... só contigo,
Abre os braços, me aperta contra o seio,
Não me deixes viver por mais castigo!

Oh! eu quero morrer! eu sei que é bello
Se dormir do sepulchro lá no fundo,
Porque allí não se soffre a dor que eu sinto,
Nem se vê quem sorri cá neste mundo.

Já não quero viver! que serve a vida
Para quem, como, eu se vê trahido?
Oh! eu quero morrer! Morte, me esenta,
Attende a mim que choro e já fui qu'rido!

Minha mãe, pede a Deus, pede aos anjinhos
Que de mim tenham dó, e pede aos astros
Que me neguem sua luz, e pede a morte
Que me tire esta vida de pezares!

Já não quero viver! pesa-me a vida
Que eu desfructo, a morar tão longa della,
Já não quero viver! por que não posso
Como d'antes dizer-lhes: amo-te bella.

1872.

*Moyés Gomes.***Jardim de Flora.**

Tão lindas, meu Deus, tão lindas!
A' perfeição bem iguaes!
Ninguem lhes excede em graças,
Nem sequer tem rivaes!

São as virgens maranhenses
Uma á uma a mais gentis;—
As flôres mais perfumosas
Dos jardins de meu Brazil!

Guardão nos seios mimosos

Um sentir de seraphim;
Nas faces ostentam paras
Duas rosas de carmin!

Sens virginaes corações,
Se os faz palpitar amor,
Ai, meu Deus, como se occultam
N'um céu d'immenso pudôr!

Seus risos, sempre modestos,
Da tristeza quebrando os véos,
São d'esp'rança mensageiros—
Inspirações lá dos céus!

E a luz tão deslumbrante,
O brilhar dos olhos seus,
Ai, cogão, matão d'amores,
Como são lindas, meu Deus!

Donzellas assim, formosas,
Só as tem o Maranhão;—
Typos de santa virtude,
Modelos de perfeição!

Que fazeis pois n'este mundo,
Anjinhos puros? voae...
E vivos no corpo e alma,
De Deus no seio pousae!

Ai, que não possa meu astro
Descrever tanto primor!
Qu'a tanta altura não sóbe
A fraca voz do cantor!

Ai, musa minha tão pobre,
Tão rude assim, como és,
Nem pôdes beijar, é pena,
O estampar de seus pés!

Ceará—1872.

*João Ribeiro de Carvalho.***Noite d'alma.**

Por entre as nuvens negras de minh'alma
Eu diviso uma barca que, ligeira
O espaço atravessando,
Vai batida dos mares que s'encrespão,

As velas semi-rotas, já sem leme,
Um porto demandando.

Seu pharol era a estrella que, no céu,
Out'ora com fulgor ia expandindo
Seus raios divinos.
Offuscon-se! e a bueca que girava
Desvian-se e no abismo se atremessa
Por entre os vendavaes.

Essa barquinha que vagueia errante
Além na immensidade
E' minha vida que s'esvae e busca
Um porto—a eternidade.

O pharol, essa estrella rutilante,
Seu astro de bonança,
Era teu amor por quem vivia,
Minha perdida esp'rança.

Eduardo Ribeiro.

CHRONICA.

Fallem-me, fallem-me das festas do Natal, ou não me fallem de cousíssima nenhuma; mostrem-me a estrella maga no Oriente, o Salvador do mundo deitado em sua cama de palhas ou não me mostrem mais nada.

Sim senhores: a semana correu *fría*, apesar das festas e *quente* apesar de umas chuvinhas, que doram—parte de fracas.

Mas não duvidem que eu tire uma chronica d'entre o gelo, porque passo já a dizer-lhes que fui á missa do gallo—na Cathedral á meia noite da vespera de Natal, só em attenção aos leitores; se eu não fosse um pobre diabo, que tomou a hombros, por gosto, esta pesada cruz, se eu não fosse escravo dos caprichos de uma semana—sim—o outra—não—, enquanto se dissesse missa na Sé, eu dormiria, na minha rede, o somno da justiça e da innocencia.

Repito: fui e empreguei em tudo os dons principaes sentidos.

Ví gente e tanta que não conseguí arranjar uma pessima collocação, sem gastar duzia e meia de—*Dá licenças?*—; *ouvi* uma bella cantoria, onde sobressahia uma voz feminina—extensa, melliflua e agradável; disseram-me ser de uma senhora, filha de uma illustre familia maranhense. Se este jornal chegar ás mãos dessa Exm.^a Senhora, e eu tiver a ventura de contal a no numero das minhas estimaveis leitoras, receba as

congratulações de um pobre chronista que si não tem a satisfação de conhecer a—arte—; sabe que já aprecia-a devida e entusiasticamente: *ouvi* tambem o *Misererre* do Blula, e se o meu collega Domingos, nas *Noticias da Pacotilha* do numero passado, gabou-lhe os chapéus, eu, agora, encapriado um dever que me impõe a justiça, gabou-lhe a voz: os mais curiosos, por terem perfeitamente desempenhado a sua tarefa, recebem tambem os meus encómios, assim como o Sr. Gaiguard, o habil organista que os ensaiou, e á quem se deve o brillantismo da festa. Acabada a missa, o povo e os *bands* andaram em grande movimento; muito *chinfrim* e muita *meia noite* houve, onde presidia o deus mais patusco da mythologia. O dia de Natal, porem, foi verdadeiramente um domingo inglez: uma terça parte deste bom povo se havia retirado para o campo; outra terça parte empregara o dia inteiro em dormir, para recuperar o somno perdido na vespera; e a outra comprehende a gente socegada, mysantropa e que custa a abandonar os *Penates*.

No collegio de N. S. de Nazareth e em casa do Sr. tenente-coronel J. M. Romeu muitos meninos e meninas cantam e dançam, em trajes pastoris, delronte de elegantes presepes. Verdadeiro contraste, os pastores pretos que são alguns moleques—nem mais nem menos—, cuja usança conven aboír, ensurdecem a muitos christãos lá para o bairro da Curupira.

A mais importante novidade, porem, é a proxima morte do anno de 1872.

Vae, como velha; já gafeoso, enfermo
moutins o termo
da corrente moço;
surja, appareça—com precipias ventos
—1873—!

Estimo que os leitores tivessem boas festas e tenham boas entradas do novo anno.

Paroçe assumpto do Pafancio Semicupio Perlichcha, redactor das fallinhas de Laemmert, hein?

Despeço-me, parodiado uma quadra, cantada com chaste (em grippo), pelos taes pastores pretos:

Adeus, meus leitores,
Adeus, meas amô,
Atô para o zuno,
Si nós rico fô (!)

Eloy, o herôe.